

CATADORES DE DIGNIDADE

Roberto Del Sent

Vanessa Fernanda Schmitt

Centro Universitário Leonardo da Vinci-UNIASSELVI

RESUMO

A busca do possível sempre nos dá a impressão de ser uma tarefa fácil, porém quando o possível é a dignidade de uma categoria de profissionais, sempre esbarramos nas traves do preconceito. O ofício que exige menor grau de dedicação intelectual e menor nível de escolaridade é considerado profissional de segunda ou terceira qualidade. Contextue então essa conclusão num grupo de profissionais que literalmente vive de mexer naquilo que nós consideramos lixo. Este profissional seria então a escala mais baixa das profissões humanas? Partindo da importância que esse profissional possui para os programas de reciclagem e proteção ambiental, este artigo é uma busca da cidadania perdida destes profissionais.

Palavras-chave: Cidadania. Catadores. Reciclagem.

1 INTRODUÇÃO

Não se sabe ao certo, porém estima-se em centenas de milhares, no Brasil, o número de catadores de matérias reutilizáveis e recicláveis, pois não há dados oficiais sobre o número, nem em literatura, menos ainda em textos na internet. Sendo este um ramo que ainda engatinha no nosso país, não é difícil imaginar o tipo de tratamento que é dispensado aos catadores.

Exercendo uma rotina diária exaustiva, esses profissionais são considerados por muitos, inclusive por alguns deles mesmos, como a base da pirâmide social do trabalho. Pessoas mais preconceituosas julgariam este ofício como sendo o mais baixo, demonstrando assim a ignorância que têm em relação a uma atividade que tem importância

crucial na preservação ambiental.

O novo Plano Nacional de Resíduos Sólidos traz propostas inovadoras e alentadoras para os catadores, fortalecendo-os como associações ou cooperativas, conferindo-lhes a dignidade e valorizando sua profissão como deveria ser.

Neste texto que segue procuraremos expor essa profissão tão desconsiderada de catadores de lixo. Eles agora figuram com o nome correto e oficial da categoria: catadores de materiais recicláveis e reutilizáveis. Foram contextualizados nos programas de defesa ambiental e fazem parte da cadeia produtiva do Brasil.

2 RECICLAGEM DE RESÍDUOS

2.1 ORIGENS E EVOLUÇÃO

Reciclar é transformar o que foi descartado após a produção de um bem ou o consumo de algum produto, em matéria-prima para produção de novos bens ou produtos de consumo. Do ponto de vista de Grippi (2006, p. 36), a reciclagem é:

O resultado de uma série de atividades através das quais os materiais que se tornariam lixo ou estão no lixo são desviados, sendo coletados, separados e processados para serem usados como matéria-prima na manufatura de outros bens, feitos anteriormente apenas com matéria-prima virgem.

O termo reciclagem remonta a um conceito moderno e contemporâneo, um resultado dos movimentos ambientalistas das décadas de 70, 80 e 90. Porém, este procedimento é antigo, remontando a cerca de milhares de anos. Anteriormente à era industrial, os bens eram manufaturados, produzidos em pequena escala e num tempo nada curto. E ainda havia os altos custos em produzir coisas novas. O contexto, então, meio que obrigava os profissionais à prática de alguma forma de reciclagem. Essas rotinas de reciclagem eram pequenas e localizadas.

No Brasil, quem não se recorda, praticava-se a política de devolução de garrafas e certas embalagens. Antes da invenção das garrafas plásticas tipo *pet*, praticamente todas as bebidas mais consumidas no Brasil funcionavam desta maneira. Segundo dados do IBGE (2003), atualmente 90% dos resíduos sólidos brasileiros são aterrados e apenas 10% são reciclados. Apesar de parecer pouco, já foi pior. Atualmente alcançamos o nível de alguns países europeus, como a Grécia, e superando outros, como a Polônia. Porém, se formos nos comparar à Alemanha, ainda estamos muito aquém da destinação dos resíduos sólidos, que naquele país alcançam os impressionantes 60% de reciclagem de material dispensado como rejeito.

O Brasil está entrando nos eixos. O Plano Nacional de Resíduos Sólidos não é a única evidência disto. No ano de 1999 havia 135 municípios brasileiros que praticavam a coleta seletiva de resíduos, atualmente são mais de 500. Naquele ano, somente 0,6% dos resíduos gerados foram reciclados. Como dito anteriormente, estima-se hoje em 10% do lixo como sendo reciclável ou reutilizável (IBGE, 2003).

Desde 1998 o Brasil lidera o ranking mundial de reciclagem de alumínio, as famosas latinhas, alcançando o maior índice já registrado por um material reciclável. É fato que, de cada 100 latinhas consumidas no país, aproximadamente 95 são processadas, recicladas e acabam por retornar à cadeia produtiva, estando novamente prontas para consumo em cerca de 40 dias (IBGE, 2003).

Outro material em que o Brasil se destaca como reciclador são as embalagens longa vida. Este em si é mais respeitável ainda, haja vista o seu processo de reciclagem ser mais complexo, pois é necessário separar o papel do alumínio e reciclar a ambos. No ano de 2000 o índice de reciclagem era de 13% e cinco anos depois esse percentual atingiu 23%, quase dobrando (IBGE, 2003).

Depois da Segunda Guerra Mundial houve um crescimento descomunal da economia em nível mundial. A produção de bens “explodiu” e o consumo começou a crescer como nunca antes se viu. Infelizmente, as políticas de tratamento de dejetos e coleta seletiva não acompanharam essa aceleração, ficando muito aquém da necessidade.

É bom salientar que não é de hoje o problema da gestão de resíduos, sejam lixo, dejetos ou materiais recicláveis ou reutilizáveis. Problemas com tratamento de esgoto já eram reportados como motivo de discussão desde os tempos da Grécia antiga. Uma curiosidade é que no ano 500 a.C. a cidade de Atenas criou o primeiro lixão municipal (Revista Época, 2006). Foi instituída a exigência de descartar os detritos

a cerca de dois quilômetros das muralhas da cidade. Na Idade Média o problema se agravou, pois os restos do consumo humano, bem como carcaças de animais mortos e em decomposição, além, é claro, do esgoto doméstico, eram jogados nas ruas, fazendo com que os transeuntes ficassem em contato com este tipo de material.

Agora vivemos na era dos descartáveis, onde quase tudo o que consumimos pode ser, e é, jogado fora, desde um simples guardanapo até computadores. Segundo Magera (2005, p. 25):

A relação humana na biosfera do planeta tem sofrido alterações e transformações, cuja consequência é sentida na geração de resíduos. Inicialmente, o lixo gerado era composto somente de excrementos, mas, posteriormente ao advento da atividade agrícola (Idade Média) e da produção de ferramentas e mercadorias industriais (Revolução Industrial), surgiram os restos da produção e os próprios objetos, após sua utilização. Com o crescimento populacional registrado no século XX e a forte industrialização, trazendo muitas opções de consumo, os resíduos aumentaram de forma exponencial, trazendo sérios problemas de ordem ambiental para a sociedade.

O surgimento de novas tecnologias ajudou a mitigar tais problemas, mas a sensação é de que o ser humano poderia ter ido muito além. Isto porque, se formos analisar a natureza como um sistema, o ser humano é o único indivíduo que é incapaz de lidar com seus próprios resíduos, pois o ambiente não consegue reabsorvê-los naturalmente.

2.2 RESÍDUOS SÓLIDOS

Existem muitas maneiras de se classificar os resíduos. Alguns autores os classificam de acordo com a sua fonte geradora, separando-os em três grandes categorias: Resíduos Sólidos Urbanos, Resíduos Sólidos Industriais e Resíduos Especiais. (Lei 12.305/2010)

- Os resíduos sólidos urbanos são os resultantes das atividades corriqueiras em nossas residências (ambiente domiciliar ou doméstico), resíduos provenientes de serviços de saúde, resíduos de construção civil, resíduos de poda e capina, resíduos de portos, aeroportos, terminais rodoviários e ferroviários e os resíduos de serviços comerciais, resíduos de limpeza de bocas de lobo e os resíduos de varrição, de feiras e outros de mesma natureza;

- Os Resíduos Sólidos Industriais abrangem todos os resíduos que sobram dos processos produtivos das indústrias de transformação, os resíduos radiativos e os resíduos agrícolas;

- Resíduos sólidos especiais são assim chamados em função de suas características diferenciadas, ou seja, a sua destinação e manuseio é diferenciada dos demais. Neles estão inclusos os pneus, as pilhas e baterias e as lâmpadas fluorescentes.

Como foi mencionado anteriormente, a evolução da produção e o aumento do consumo fizeram com que os resíduos se diferenciassem muito do que se produzia há algum tempo. Atualmente, eles são cada vez mais compostos por insumos e matérias-primas de difícil degradação, contribuindo para um aumento significativo da poluição ambiental. Segundo Figueiredo (1995, p. 36):

[...] a questão dos resíduos carece de uma análise detalhada de suas implicações com relação à sustentabilidade do planeta. Os problemas associados aos resíduos decorrem de duas componentes principais: a crescente geração de resíduos e a evolução qualitativa dos mesmos. Quanto à primeira componente, o rápido crescimento ocorre em função tanto do crescimento populacional e seu adensamento espacial, quanto do aumento da geração per capita de resíduos, impostos pelos padrões de propaganda, que intensificam a associação do consumo à qualidade de vida. Com relação à segunda componente, a evolução na composição de resíduos se deve à evolução dos materiais empregados pela sociedade. Observa-

se que esta evolução, motivada por características utilitárias e econômicas dos materiais, em nenhum momento contemplou os desdobramentos possíveis deste conjunto de materiais, em uma fase posterior ao consumo.

Dentre os tipos acima, destacamos os Resíduos Sólidos Urbanos, geralmente os que apresentam maior volume, ou então que possuem a gestão menos eficiente. Os demais, industriais e especiais, dispõem de legislação própria para sua gestão, enquanto este, por se tratar de materiais com várias apresentações e composições, acaba representando um problema maior para a sociedade.

3 CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

A profissão de catador de material reciclável no Brasil, apesar do preconceito, é legal e regulamentada. Teve seu reconhecimento como categoria profissional oficializado na CBO (Classificação Brasileira de Ocupações), no ano de 2002. Os catadores de lixo passaram a ser registrados como catadores de material reciclável. A descrição de suas atividades na CBO diz que os profissionais catadores coletam, selecionam e vendem materiais recicláveis, ou reutilizáveis, como papel, papelão, ferro, outros metais e vidro. (Lei 12.305/2010)

Esses profissionais são indicados como autônomos, mesmo quando estão associados a uma cooperativa ou mesmo a outro tipo de associação. Sua função é recolher, segregar, selecionar e transportar material reciclável ou reutilizável até as empresas que executam a reciclagem, mesmo que seja em sua sede própria.

Nenhum texto apontou um número exato de catadores de materiais recicláveis. Apenas informam ser um total significativo, ainda mais se levarmos em conta que o sistema de coleta seletiva atinge uma parcela pequena da população brasileira. Dos mais de cinco mil municípios brasileiros, menos

de 800 (ou seja, menos de 16%) realizam coleta seletiva de lixo. Estes dados foram levantados pela pesquisa Ciclosoft 2012, desenvolvida pela ONG Compromisso Empresarial para Reciclagem (Cempre) e apresentada em agosto de 2012 no seminário "Política Nacional de Resíduos Sólidos - A Lei na Prática", na cidade do Rio de Janeiro (Ciclosoft 2012).

Estes profissionais são responsáveis por praticamente todo o material coletado para reciclagem, seu turno de trabalho muitas vezes ultrapassa 12 horas por dia. A rotina diária do profissional catador é sempre exaustiva, realizada em condições precárias. Segundo Magera (2005, p. 102):

Muitas vezes, ultrapassa 12 horas ininterruptas; um trabalho exaustivo, visto as condições a que estes indivíduos se submetem, com seus carrinhos puxados por tração humana, carregando por dia mais de 200 quilos de lixo (cerca de quatro toneladas por mês), e percorrendo mais de 20 quilômetros por dia, sendo, no final, muitas vezes explorados pelos donos dos depósitos de lixo (sucateiros) que, num gesto de paternalismo, trocam os resíduos coletados do dia por bebida alcoólica ou pagam-lhes um valor simbólico insuficiente para sua própria reprodução como catadores de lixo.

Em poucas cidades, incluindo Blumenau, os trabalhadores são organizados e recebem apoio do poder público. Em nossa cidade o SAMAE garante toda a infraestrutura para estes profissionais. São caminhões, carros e galpões à disposição, além de equipamentos de seleção e tratamento do material coletado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O preconceito é pai e mãe de muitos males que assolam certos indivíduos de nossa sociedade, com um destaque infeliz para os menos favorecidos. E são esses menos favorecidos a maioria, se não todos, os integrantes do grupo de profissionais catadores de materiais recicláveis.

Primeiramente, precisamos entender que nem mesmo eles fogem a este preconceito.

A grande maioria escolheu essa trilha profissional apenas para fugir do fantasma do desemprego. O mercado está cada vez mais exigente e o perfil de trabalhadores coletores acaba não se enquadrando em muitas vagas disponíveis. Seja lá qual for o problema socioeconômico que os privou de uma boa educação, que os impossibilitou de realizar alguma capacitação técnica, isso realmente não importa aqui. Existem outros tipos de profissionais que também requerem menores níveis de escolaridade, porém os mesmos possuem condições muito mais dignas de trabalho.

Estes profissionais recebem atenção precária e muitas vezes são considerados profissionais que lidam com sujeira, portanto indesejáveis. Em uma comparação, podemos citar as castas sociais da Índia, onde a base, os intocáveis, recebem um tratamento parecido. Os nossos “intocáveis” podem não ser tão excluídos, mas não estão muito longe disso. Por não receberem equipamentos de proteção adequada, expõem-se a riscos de saúde ao entrar em contato com lixo e rejeitos, sabe-se lá de qual natureza. Quaisquer outros profissionais em situação similar estariam recebendo adicional por insalubridade, periculosidade, aposentadoria especial, etc. Pergunte se os catadores possuem esses direitos.

Existe uma luz no fim do túnel, tênue, mas existe. A criação da Política Nacional de Resíduos Sólidos contemplou também esses profissionais, incorporando-os na cadeia produtiva e dando-lhes o que ainda não tinha sido dado: importância e relevância. Eles agora não estão mais sós, podem agir como cooperativas ou associações, ganhando força e apoio do poder público. Uma das metas desta Lei, 12.305, de 2 agosto de 2010, é justamente garantir a “inclusão social e a emancipação econômica de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis”.

Estava mais do que na hora, pois estes são profissionais importantíssimos

para o desenvolvimento de políticas ambientais. O que lhes falta em capacitação e desenvolvimento lhes sobra em força de vontade e dedicação. Está na hora de fortalecer esse tipo de profissional, engrandecer suas atividades e, assim, outorgar-lhes a devida importância.

Não estou aqui criando um novo tipo de herói, o coitado e sofrido catador. Estou, sim, sendo realista e apontando uma verdade que poucos gostam de admitir. O catador de material reciclável transforma nosso lixo em material útil, para isso ele exerce atividades a que poucas pessoas se sujeitariam. Eis aqui a sua importância: não é qualquer um que se disporia a fazer essa tarefa, mas todos concordam que ela precisa ser feita.

Dignidade é uma coisa tão fácil de dar. Mesmo o custo parecendo ser alto, o resultado é sempre uma vitória para ambos os lados. Nosso país ainda engatinha em questões como essa, mas a cada dia estamos mais próximos do ideal. Nossa sociedade se une e a cada dia cresce e se fortalece. O Brasil é um país forte, com um povo trabalhador e com vontade de mudar.

Não é muito também o que nos pedem esses profissionais. A eles também não interessam títulos. O que eles querem são condições dignas de trabalho e uma renda que lhes possibilite atingir um padrão de vida adequado e suficiente. E não é isso que todos nós queremos, no final das contas?

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei 12.305/2010**. Política Nacional de Resíduos Sólidos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm>. Acesso em: 20 nov. 2012.

CEMPRE. **Pesquisa Ciclossoft 2012**: Radiografando a Coleta Seletiva. Disponível em: <<http://www.cempre.org.br/Ciclossoft2012.pdf>>. Acessado em 12. nov. 2012.

FIGUEIREDO, Paulo Jorge Moraes. **A sociedade do lixo**: os resíduos, a questão energética e a crise ambiental. 2. ed. Piracicaba: Unimep, 1995.

GRIPPI, Sidney. **Lixo**: reciclagem e sua história: guia para as prefeituras brasileiras. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2006.

MAGERA, Márcio. **Os empresários do lixo**: um paradoxo da modernidade. 2. ed. Campinas: Átomo, 2005.

REVISTA ÉPOCA. **Treze Curiosidades Sobre Lixo**. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG74481-6001-421-3,00.html>>. Acesso em: 2 nov. 2012.